

Neste dossiê as referências bibliográficas estão de acordo com o padrão indicado pelo organizador.

ANTES

DE CABRAL:

A ARQUEOLOGIA

E A

SOCIODIVERSIDADE

NO PASSADO

WALTER ALVES NEVES
Laboratório de Estudos
Evolutivos Humanos
Departamento de Biologia
Instituto de Biociências
Universidade de São Paulo
E-mail:
waneves@ib.usp.br



Nos últimos dez anos, a importância da existência de uma alta taxa de biodiversidade no planeta vem sendo reconhecida até mesmo por gestores pouco afeitos às coisas da Ciência. E não é inusual que até o leigo comece a encarar biodiversidade como fator de riqueza regional, nacional, quando não planetária, defendendo-a com unhas e dentes. De certa forma, essa tendência, ainda que tímida quando comparada à escala da erosão biológica por nós já perpetrada no planeta, traz um certo alívio, revigorando as esperanças de que talvez um dia, ainda a tempo, nossa espécie seja capaz de, coletivamente, entender as implicações “econômicas” dos processos de evolução e diversificação das formas de vida, sem falar na sua absoluta importância para a felicidade humana.

Lamentavelmente, o mesmo não vem ocorrendo no que concerne à sociodiversidade. Nem mesmo timidamente.

Basta consultar os boletins das raras agências internacionais dedicadas à sobrevivência de sistemas sociais distintos do nosso, para perceber que ainda, a cada ano, um número significativo de sociedades tribais é aniquilado biologicamente, ou então compulsoriamente absorvido por sistemas sociais mais complexos e abrangentes; isto nos raros lugares do planeta onde elas ainda teimaram em sobreviver ao intenso processo de expansão europeia desencadeado desde há cinco séculos.

Não vou utilizar este espaço para chorar os mortos que não ajudei a matar e lamentar o caráter dessa expansão, até porque ela fez parte de uma agen-

da sobre a qual a física do tempo não me permite exercer qualquer influência.

Prefiro canalizar minha energia para algo que possa influenciar o tempo presente, ainda que de maneira tímida, mesmo que insignificante. E minha expectativa presente é que um dia a discussão sobre a importância da pluralidade sociocultural no planeta também ganhe espaço nas agendas governamentais e na militância do leigo, e que ambos passem a perceber a sociodiversidade como fator de “riqueza” regional, nacional e planetária.

Minha expectativa atual é que um dia venhamos a entender, coletivamente, que, a cada vez que uma pequena sociedade tribal é extinta num rincão da Terra, vai com ela um repertório milenarmente testado de soluções materiais e existenciais. E que essas soluções poderão, um dia, ser fundamentais para o nosso bem-estar material e existencial.

Nesse contexto, a Arqueologia junto à Etnologia podem exercer um papel fundamental, na medida em que essas disciplinas não só podem e devem revelar ao mundo a existência de uma miríade de sociedades diferentes das nossas, mas, muito mais do que isso, compreender as lógicas que lhes davam sustento e significado.

Por isso, quando o Conselho Editorial da *Revista USP* me convidou para apresentar um projeto, coincidente com e comemorativo aos 500 anos de descoberta do Brasil pelos portugueses, que tratasse de fornecer uma ampla idéia sobre as ocupações pré-cabralinas naquilo que hoje definimos como o território brasileiro, aceitei de imediato o honroso convite.

Vi no empreendimento uma ótima oportunidade para que se fizesse um balanço do que já conhecemos sobre a diversidade das sociedades indígenas brasileiras anteriormente ao período colonial, expondo essa diversidade a um público mais amplo, bem como sobre as formas pelas quais esses vestígios vêm sendo apropriados pela arqueologia praticada no país.

Minha expectativa é que o leitor leigo, fora dos ambientes acadêmicos, ao ler as sínteses regionais aqui apresentadas possa

ter uma idéia, ainda que insuficiente, da extensa diversidade de culturas e de organizações sociais humanas de cujo acesso, diálogo e aprendizado, a gênese de uma nova nação nos separou para sempre.

Elaborar uma síntese sobre a pré-histórica brasileira, bem como construir uma crítica minimamente aceitável ao trabalho arqueológico praticado até agora no país, não são tarefas fáceis. Principalmente, levando-se em consideração o curto espaço de tempo disponível para a concretização deste projeto (menos de um ano) e a predominância de uma certa resistência no *establishment* da arqueologia brasileira ao pensamento crítico.

De imediato, eu concebi o projeto como uma empreitada coletiva. Pesaram nessa decisão, naturalmente, minha própria incapacidade para efetuar-lo sozinho, bem como a disponibilidade, hoje, no país, de uma atuante e pensante protocomunidade de jovens arqueólogos, com a qual tenho mantido estreitos laços de cooperação, pelo menos no plano das idéias. Havia chegado a hora desses laços ultrapassarem o mero mundo das idéias e de se concretizarem como produto passível de consumo por um público mais amplo.

Lendo e relendo os manuscritos que hoje perfazem este dossiê concluí, entretanto, que eles não são homogeneamente críticos, simplesmente porque aquilo que chamo de “a segunda geração” de arqueólogos profissionais brasileiros também não é homogênea, o que me faz pensar que por um longo período de tempo vamos ter ainda que conviver com uma tradição de pesquisa eminentemente descritiva na arqueologia brasileira. Oxalá, de melhor qualidade do que aquela desenvolvida nas últimas quatro décadas.

Gostaria, entretanto, de proteger um pouco meus colegas que aceitaram o convite para participarem do projeto, sobretudo aqueles que aceitaram elaborar as sínteses regionais. À exceção da síntese sobre a Bacia Amazônica, por Eduardo Neves, que foi desenvolvida ao redor de grandes problemas que me permito chamar de socioevolutivos, e em certo sentido as sínteses

sobre o Litoral Centro-Sul, por Tânia Andrade Lima, e a da Região Sul, por Francisco Noelli, quase todas as demais sínteses optaram por um recorte distinto, apresentando as grandes variações culturais presentes em cada região, popularmente conhecidas (entre os arqueólogos) por “Tradições”, organizadas de forma cronológica, das mais antigas para as mais recentes. Os que assim o fizeram não poderiam tê-lo feito diferente, mesmo que o desejassem.

Como muito bem salientam quase todos os autores convidados, mas em especial Francisco Noelli e Cristiana Barreto, a arqueologia preponderantemente efetuada até o momento no Brasil está longe de ter privilegiado problemas ou processos específicos como objetos de pesquisa, tendo se restrin-

gido basicamente a duas práticas, ambas anacrônicas e de caráter epistemológico questionável: escavações amplas em sítios não contextualizados em termos dos sistemas socioadaptativos dos quais faziam parte, ou extensos levantamentos superficiais com pequenas interferências nos sítios localizados, priorizando menos a compreensão sociológica das comunidades do passado e mais o estudo frio e descontextualizado antropológicamente da cultura material, quando não de apenas uma parte dela. Foi sobre essas bases, anêmicas em termos processuais ou interpretativas, que meus colegas tiveram que tecer suas sínteses regionais. É sob essa perspectiva que essas sínteses devem ser lidas e a capacidade intelectual de meus colaboradores, avaliada.